

Trabalho Docente e Organizações Educativas

organizadores

jorge adelino costa
antónio neto-mendes
alexandre ventura

apoio

Departamento de Ciências da Educação

Centro de Investigação em Educação e Ciências do Comportamento

universidade de aveiro



theoria poiesis praxis

Índice

APRESENTAÇÃO	11
Jorge Adelino Costa, António Neto-Mendes, Alexandre Ventura	
CONFERÊNCIAS	
<i>Private supplementary tutoring in comparative perspective: implications for the work of teachers and the operation of schools</i>	14
Mark Bray (Director do IIEP/Unesco, Paris)	
<i>No fio da navalha: as tecnologias políticas de reforma e a luta pela fabricação da alma dos professores</i>	29
António Teodoro (Universidade Lusófona, Lisboa)	
TEMA 1 – “O TRABALHO DO PROFESSOR-GESTOR”	
“A liderança transformacional nas escolas estatais e privadas – percepções dos professores”	39
Daniela Cunha	
“Da formação do professor-gestor no Brasil ao desafio da gestão democrática da educação”	51
Naura Syria Carapeto Ferreira	
“La gestión de la violencia en comunidades de alto riesgo: la perspectiva de los directores”	63
Roberto González Villarreal	

“Lideranças e percepções dos actores sobre os desafios e estratégias da escola: um estudo de caso” Catarina Neiva, Fernando Ilídio Ferreira	80
“O papel do professor-gestor na prevenção do <i>bullying</i> ” José Ilídio Alves de Sá	94
“O professor-gestor: fiel da balança das organizações escolares?” Fernando Luís Monteiro Bexiga	111
“Educadoras de infância e participação na gestão de agrupamentos” Clarinda Pessoa, Teresa Sarmento	122
“Intelectuais e gestão da educação a partir dos escritos de Antonio Gramsci” Anita Helena Schlesener, Roberta Ravaglio Gagno	138
“Os estilos de liderança dos líderes escolares da Região Autónoma da Madeira” António V. Bento	145
“A relação educativa docente na perspectiva da gestão” Terezinha Fátima Andrade Monteiro dos Santos	158
“As implicações da Norma ISO 9001:2000 no desempenho e liderança do gestor: cinco estudos de caso em escolas profissionais” Jorge Gamboa, Nuno Melão	170
“O director de escola no novo quadro das relações entre escolas e autarquias” Jorge Martins	183
“Relações e interações na gestão de um agrupamento de escolas: perspectivas dos professores do 1º ciclo” Helena Carvalho dos Santos, Fernando Ilídio Ferreira	195

“A avaliação externa, o novo regime jurídico de administração e gestão e a liderança nas escolas”	205
Maria Cristina Coimbra	
“A globalização, a reforma universitária e a concepção de universidade: o contexto da formação do professor-gestor”	220
Eduardo Búrigo de Carvalho, Maria da Graça Nóbrega Bollmann	
“O professor-gestor – mediador, representante, ou par na organização escolar?”	226
Paulo Bernardo, Florbela de Sousa	
“Planificando uma escola positiva: guia para elaboração de projectos educativos”	240
Amélia Loureiro, Ana Maria Patrício, Bruno Diniz, Ermelinda Vilela Cruz	
“O presidente do conselho executivo como líder pedagógico e gestor administrativo. Reflexões sobre o quotidiano de um professor-gestor”	255
Patrícia Castanheira, Jorge Adelino Costa	
TEMA 2 – “O TRABALHO DO PROFESSOR E A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA”	
“A educação sexual e projecto educativo de escola: os desafios de transformar políticas em intervenção educativa”	264
Rosana Patané	
“A redefinição do trabalho docente: reflexão breve em torno e a partir da organização escolar”	281
Ariana Cosme	
“Configurações múltiplas: dilemas, negociação e compromissos na atribuição de serviço docente”	296
Fátima Antunes, Virgínio Sá	
“La organización del taller de estudio asistido como recurso educativo para lograr una educación de calidad”	313
Antonio Fabregat Pitarch, Isabel M ^a Gallardo Fernández	

“O papel do professor no desenvolvimento vocacional do aluno”	324
Maria Elisa G. Guahyba de Almeida	
“A organização pedagógica democrática ainda tem lugar na escola”	332
Manuela Sampaio	
“A utilização das TIC na organização e gestão do trabalho dos professores: potencialidades da utilização do e-mail institucional”	343
Manuel Flores, Graça Pereira, António Rodrigues	
“Avaliação de escolas: que perfil de professor?”	356
Anabela Sousa, Manuela Terrasêca	
“Democracia e/ou burocracia? A teia e a trama do trabalho colegial e individual dos professores”	366
Raquel Dinis, Luísa Alonso	
“O desafio dos cursos profissionalmente qualificantes nas escolas públicas”	385
Luísa Orvalho, Rosa Silva	
“A autonomia das escolas e as aulas de substituição – que espaço para a participação?”	403
Lília Carvalho, Teresa Sarmento	
“A interacção escola-família: factores influentes e dinâmicas organizacionais desenvolvidas pelos professores”	421
Manuela Sabino	
“A organização do trabalho pedagógico na educação infantil: desafios e perspectivas”	435
Roberto Sanches Mubarak Sobrinho	
“A relação pedagógica e a liderança – o papel do director de turma”	450
Laura Brito	

“La asamblea como eje vertebrador de la organización del aula de educación infantil” Isabel M ^a Gallardo Fernández	464
“Projecto Curricular de Turma: par ou ímpar” Lídia Sanches Mota	478
“Os desafios do professor no contexto do ensino online” Felipa Lopes dos Reis, António Eduardo Martins	489
“Avaliação processual e contextual em educação pré-escolar – desafios ao desenvolvimento profissional” Gabriela Portugal, Paula Santos, Aida Figueiredo, Sónia Góis, Ofélia Libório, Natália Abrantes	500
“El trabajo colaborativo de los profesores para el logro de los fines educativos del nivel básico en la escuela” Marcelino Guerra Mendoza	512
“O abandono escolar e o papel dos professores no quadro de uma organização pedagógica burocrática da escola” Joel Costa Ferreira	528
“O professor gestor e a formação de lideranças na realidade brasileira” Roberta Ravaglio Gagno, Anita Helena Schlesener, Verônica Roncelli	538
“O professor-gestor e o direito à construção da ação educativa do deficiente mental no Brasil” Marise Silvério Mendes, Naura Syria Carapeto Ferreira	547
“O significado do projeto pedagógico a partir das representações sociais dos professores” Alberto Cervellini Filho	558
“Práticas pedagógicas democráticas na primeira etapa da educação básica” Manuela Sampaio	570

“A educação corporativa na escola: sua influência no trabalho docente em uma instituição de ensino técnico-profissional de Rio Claro”	578
Rodrigo Buzin Siqueira do Amaral, Itamar Mendes da Silva	
“Avaliação interna integrada dos agrupamentos e escolas secundárias do concelho da Maia”	590
Paula Romão	
“Coordenação pedagógica na rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul: reflexões sobre a prática”	600
Eni Vian	
“Escola de <i>área aberta</i> : olhares cruzados sobre uma história de inovação sem mudança”	612
Miguel Henriques Martinho, António Augusto Neto-Mendes	
“La función del maestro encargado de la acogida del alumnado inmigrante”	625
José Rodríguez Martínez, Ana Isabel Quián Roig	
“O coordenador de estabelecimento nos Agrupamentos de Escolas: obstáculos e desafios de uma gestão periférica”	636
Dora Fonseca de Castro, Jorge Adelino Costa	
“Pedagogia, cultura profissional e inovação na escola inclusiva. O desafio das equipas educativas”	642
João Formosinho, Joaquim Machado	
TEMA 3 – “A AVALIAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E OS RESULTADOS ESCOLARES”	
“A trajetória do professor universitário brasileiro nos cursos de Administração de Empresas em instituições de ensino privadas, sob a óptica das avaliações de curso do SINAES – Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior”	656
Carlos Alberto Araripe, Cleide Tavares de Oliveira Araripe, Paulo Jorge Moraes Figueiredo	

“Los profesores en la encrucijada de la evaluación: ¿aprobar exámenes o mejorar los aprendizajes de los alumnos?”	668
Lucía Rivera Ferreiro	
“Os resultados escolares e a avaliação do desempenho: avaliar para mudar ou mudar para avaliar?”	679
Maria Palmira Carlos Alves, Serafim Manuel Teixeira Correia	
“Reflectindo a mudança e reconstruindo a prática – a legitimidade moral do empenhamento”	694
Virgínia Costa Barroso	
TEMA 4 – “GÉNERO E TRABALHO DOCENTE”	
“A avaliação como uma das dimensões da prática docente: revelações de memoriais de alunos”	705
Ilda Estela Amaral de Oliveira	
“A capacidade para o trabalho e o bem-estar docente”	718
Maria do Céu Castelo-Branco, Anabela Pereira, Carlos Fernandes da Silva	
“As mulheres nos corredores do poder das organizações escolares de Macau: aspirações, dilemas, mitos e estratégias”	725
Ana Maria Correia, Jorge Adelino Costa	
“As representações de gênero no magistério: a “prevalência” do preconceito sobre o professor do sexo masculino”	740
Amanda O. Rabelo	
“Educadora de infância, mulher, mãe e presidente do conselho executivo: desafios de género na profissionalidade docente”	753
Orlanda Simões, Jorge Adelino Costa	
TEMA 5 – “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O TRABALHO DOCENTE”	
“A imagem de si e o reconhecimento dos outros: o professor do 1º ciclo do ensino básico”	768
Paula Alves Quadros Flores, Joaquim José Escola	

“La imagen conflictiva de la actividad docente”	781
Ana Isabel Quián Roig, José Rodríguez Martínez	
“O trabalho do professor e a organização da escola na visão Romanelliana”	791
Maria Helena da Silva Virginio	
“Por um currículo de base histórico-cultural – 20 anos de discussão e implementação da proposta na rede de ensino de Santa Catarina: desafios para o futuro”	794
Juares da Silva Thiesen	
“Representações sociais de educadores de infância e agentes especializados sobre educação ambiental: um cruzamento de interesses e intenções?”	807
Raquel Maricato, Ana Pedro	
“Representações sociais sobre o trabalho docente”	819
Florbela Soutinho	
“O cuidar-educar na visão de formadores de educadores de infância brasileiros e portugueses”	830
Heloisa Helena Oliveira de Azevedo	
“Os direitos do aluno em contexto escolar”	845
Filomena Sobral, Lúcia Grave-Resendes	
“Representações sociais dos docentes na relação escola/família”	856
Cristina Canha, António Maria Martins	
“Vivências e significações do adoecimento docente: intersecções entre as condições de vida pessoal e profissional do professor universitário”	868
Maria do Socorro C. de Lima	

“Actividades extra-escolares e representações sociais dos professores da sub-região da ria de aveiro, 1851-1947 - Abordagem preliminar” Manuel Ferreira Rodrigues	881
TEMA 6 – “O TRABALHO DO PROFESSOR EM CONTEXTOS NÃO ESCOLARES”	
“Un yacimiento importante de empleo para profesores y pedagogos: los centros de orientación y formación profesional municipales” Susana Molina Martín	891
“O mercado das <i>explicações</i> : procura, oferta e implicações nos resultados escolares” Teresa Silveirinha, Jorge Adelino Costa	905
“Ser professor e ser explicador: contributos para a análise de uma realidade pouco conhecida” Sara Azevedo, António Neto-Mendes	917
“Os educadores de infância e a componente de apoio à família” Celeste Madail, Jorge Adelino Costa	928

LA ASAMBLEA COMO EJE VERTEBRADOR DE LA ORGANIZACIÓN DEL AULA DE EDUCACIÓN INFANTIL

Isabel M^a Gallardo
Fernández

Universitat de Valencia, Espanha

RESUMEN

Esta Comunicación se inscribe en un proceso de análisis de la organización y metodología de aula y tiene como finalidad facilitar un aprendizaje relevante desde una enseñanza sociocultural y democrática.

La organización del espacio escolar surge en los centros educativos, como una necesidad para la optimización de los recursos y teniendo como punto de partida las necesidades tanto del discente como del docente, sin perder de vista, la fuerza y protagonismo que tiene, tanto el currículum explícito como el currículum oculto que emana del ámbito educativo.

La organización de la escuela y del aula ha de proporcionar un medio rico de relaciones interpersonales que potencien la comunicación y los intercambios productivos entre compañeros (de ambos sexos, de diferentes culturas, etnias, capacidades, etc.). Será en estos intercambios de ideas, en estas ayudas mutuas y mediante el trabajo colaborativo, donde todo el alumnado –con la dirección

y apoyo del profesor/a– aprenderá a confrontar puntos de vista, a ser más crítico y tolerante y a aceptar las diferencias.

Esta experiencia es un trabajo conjunto con la profesora de aula llevada a cabo durante el curso 2006/2007 en el C.P. Montealegre de la Eliana (Valencia) en el aula de tres años. En este trabajo pretendemos analizar:
- ¿Cómo en la gestión diaria de este aula se manifiestan /se hacen evidentes las características de la enseñanza democrática?

En el análisis de varias sesiones hemos seguido el itinerario de ese *grupo de alumnos y de esa maestra*:
¿Cómo se organiza el aula? ¿Por qué lo hacen así?
¿Cómo planifican las tareas de aprendizaje? ¿Por que trabajan por Proyectos?. ¿Cómo surgen.....? ¿Cómo se llega a acuerdos? Relaciones entre la maestra y el alumnado. ¿Cómo el ambiente y las interacciones facilitan la construcción del conocimiento en esa realidad educativa?

Este trabajo de “investigación en el aula” está vinculado

al Grupo Interdisciplinar de Investigación Docente (GIID). Representa un fondo documental importante para “repensar la metodología universitaria en Formación de Maestros y pedagogos”.

INTRODUCCIÓN

“Si me hablas, escucharé.
Si me muestras, miraré.
Si me dejas experimentarlo,
aprenderé” Lao Tsé

Las cuestiones que plantea la convivencia diaria en el grupo-clase son un marco especialmente apropiado para que las alumnas y los alumnos aprendan un modelo de participación democrática. Para ello, una estrategia básica, que considero especialmente apropiada, es la de potenciar el grado de autonomía y responsabilidad de las alumnas y los alumnos en la organización de la vida del aula y en la resolución de los conflictos que surgen en esa convivencia. Se trata de crear las condiciones para que las niñas y los niños expresen sus ideas, propuestas, sugerencias, quejas, conflictos, etc., a través de la participación en asambleas de aula.

La *Asamblea* constituye un foro, en el que profesores, profesoras y alumnado analizan y debaten todo tipo de temas relacionados con la convivencia y el trabajo escolar. Su estructura y funcionamiento son especialmente apropiados para que las alumnas y los alumnos aprendan un modelo de participación democrática. En la asamblea se pueden expresar libremente las ideas y opiniones, y las decisiones se tienen que tomar de modo democrático,

lo cual supone que, cuando no existe consenso sobre un tema, es necesario realizar una votación sobre las opciones existentes.

Participar en la asamblea implica ser capaz de dialogar y debatir de un modo ordenado, comunicando nuestras opiniones y sentimientos al resto de la clase y respetando las opiniones que sean contrarias a las nuestras. La capacidad para argumentar de cada alumno y cada alumna es la única “arma” de que dispone para que las demás personas acepten sus ideas y propuestas.

La asamblea de aula se puede realizar en todas las etapas educativas, aunque como es lógico, el formato y los objetivos de las mismas cambiarán sustancialmente de unas etapas educativas a otras. De cualquier manera siempre se mantienen unos aspectos comunes a todas las edades, basados en el diálogo y la toma de decisiones colectivas.

Para llevar a cabo las asambleas en el aula, es necesario organizar algunos aspectos de la misma, como es la dedicación de un espacio y un tiempo para su realización.

Poner en marcha las asambleas requiere:

- Espacio y tiempo regulado y periódico para ellas
- Normas de funcionamiento: participación, límites y posibilidades
- Importancia y validez de los acuerdos que en ella se tomen
- Garantizar la libertad y la justicia.

Los temas que se pueden tratar en una asamblea son muy variados: elaboración de las normas del aula, análisis y discusión de los conflictos surgidos, realización de

tareas escolares, relaciones alumnado-profesorado, elección de la persona delegada, encargado/a de material, listas, etc.

LA ASAMBLEA COMO AMBITO DE APRENDIZAJE

La asamblea, de alumnado y de toda la comunidad educativa ha de ser un elemento de participación esencial que aporte vitalidad a un centro y puede suponer, a la vez, un aprendizaje personal y social de suma importancia. La asamblea debiera convertirse, por tanto, en un núcleo fundamental de nuestro sistema educativo, presente en todas las áreas, edades y actividades del centro.

Sabido es que la organización del aula condiciona la dinámica de trabajo y las relaciones sociales en el aula.

Cuando hablamos de aula, estamos incluyendo todo lo que en ella ocurre y en ella se proyecta y no sólo la transmisión del contenido sin más, como por ejemplo, la reorganización del espacio y el tiempo, las agrupaciones posibles, los tipos de actividades, los sistemas de evaluación, etc.

En la asamblea de aula es importante destacar que el alumnado decide los temas a tratar y las intervenciones del alumnado ocupan la mayor parte del tiempo. Así se tratan temas relativos a la organización de la clase y de los aprendizajes.

Se deciden cuestiones relativas a horarios y distribución de espacios escolares.

Se revisan y valoran las decisiones adoptadas en otras asambleas.

Se reflexiona sobre el propio desarrollo de las asambleas de cara a mejorar su funcionamiento.

La asamblea se considera una actividad educativa tan importante o más que otras.

En las asambleas se consigue resolver conflictos originados en la misma, pero también en el aula y en el centro. Así la asamblea es un foro que facilita el acercar el mundo educativo a la realidad, a la vida.

Como todo lo que entra en el ámbito de la participación, juega un triple papel

como aprendizaje; b) como estructura participativa en los centros y c) en conexión con sus condicionamientos sociales.

Las tres perspectivas han de ser complementarias. El aprendizaje hará posible el éxito de la asamblea como ámbito de participación. La asamblea, a la vez, cumplirá un papel de vía de maduración colectiva, al potenciar la autonomía, la colaboración y la implicación social, y esto hará posible que se desarrolle el aprendizaje en un marco más real de decisiones.

Ambos necesitan de la referencia social (en lo positivo y en los obstáculos). Sabido es que la asamblea es un acto social que utiliza frecuentemente la sociedad. Supone una vía de democracia más directa, supeditada a los condicionamientos de la sociedad en que se integra el centro, pero, a la vez, su utilización educativa, revertirá con los mismos fines en la sociedad y contribuirá a su cambio.

Aunque la perspectiva del aprendizaje vaya dirigida al alumnado, los tres ámbitos se desarrollarían de forma más completa y real pensando también en todos los miembros de la comunidad educativa.

Como estrutura democrática en los centros. La asamblea es una práctica democrática que debería existir en los centros, como palanca de transformación de las estructuras del mismo y de la vida del Centro, para acercar estos y su forma de actuar a la comunidad que lo forma, para potenciar la riqueza en el mismo.

Un centro que crea en la participación potenciará, o debiera potenciar la asamblea como instrumento de decisión colectiva, compartida. La voluntad de hacerlo llevaría a dotarse de las condiciones oportunas, como por ejemplo:

- Usar los principios de actuación y de negociación colectivas, como básicos en la dinámica del centro (teniendo en cuenta a todas las personas y todas las realidades, buscando un “hueco” a cada una de ellas).

- Disposición de espacios, tiempos y organización

Evaluación de las asambleas entendidas como proceso (y no algo aislado) para proponer mejoras.

- Anular los mecanismos menos democráticos y educativos como los que permiten que cada miembro de la comunidad resuelva su problema (acudiendo, por ejemplo, a quien tiene la autoridad), o que la actitud paternalista y el deseo de buscar soluciones en el momento, pasen por encima del colectivo y de los instrumentos de que dispone.

- Encontrar un equilibrio, ante peticiones concretas, entre la flexibilidad del centro y la concesión sin más análisis de ellas o la

inmediatez y concesión rápida de peticiones, influida, quizá, por una dinámica social consumista.

- Delimitar las cuestiones que son propias del colectivo de las que no lo son.

- Concretar y hacer público lo hecho en las diferentes asambleas y las consecuencias que se derivan para el centro.

Algunos elementos a tener en cuenta dentro de los Proyectos de Centro respecto a la asamblea serían:

Concretar y plasmar la voluntad de participación colectiva: hacia donde se orientará la asamblea, en sentido amplio, y con qué fines (además de otros mecanismos de participación que pudieran existir).

Disponer de espacios, tiempos y voluntad colectiva, acotando los obstáculos que pudiera surgir al asignarlos y definir los mecanismos de solución a intereses de sectores encontrados (mediación, comisiones mixtas,...).

La asamblea en los centros educativos puede llevarse a cabo en numerosos contextos. Dadas las dificultades de alguno de ellos, para relanzar la asamblea, el primer ámbito más directo es el aula, al ser el grupo-clase un colectivo permanente con intereses comunes. Dentro de él podrían utilizarse de diversas formas:

Proyectos de trabajo funcionales, como organizar un servicio de recogida selectiva de basura, o una “ONG” con fines solidarios concretos.

Actividades “autoorganizadas” o a concretar o gestionar tras una propuesta: salidas y actividades relacionadas con la materia o la tutoría, “boletines” , etc.

Hay que tener en cuenta que el uso de la asamblea en el aula, puede estar contaminado de ideas y dinámicas preconcebidas, como que es algo impuesto y no un interés del alumnado, especialmente en Secundaria, que podrían dificultar una dinámica asamblearia.

Como ámbito de aprendizaje el papel que debe jugar la asamblea, de formación de una ciudadanía inserta críticamente en la sociedad, hace necesario el considerarla como un núcleo fundamental de aprendizaje de las personas, presente en el centro escolar, en todas las áreas y en todas las edades. Dicho aprendizaje deberá estar basado en la práctica, con los objetivos de desarrollar la autonomía, la colaboración y la implicación social. El éxito de la asamblea no es algo que se consiga de forma casual sino que requiere todo un proceso para saber estar en ellas, participar y organizarlas.

Llegar a familiarizarse con la asamblea o toma de decisiones colectiva y organizada, hasta el punto de que llegue a sentirse como un instrumento útil y posible para tomar decisiones y resolver conflictos colectivos, no es fácil, requiere por tanto, un proceso que supone varios grados. Este proceso debe darse desde la misma Educación Infantil. Desde que el niño o niña es capaz de socializar, ha de aprender a desenvolverse socialmente y tomar y asumir decisiones con quienes le rodean.

En las primeras fases el aprendizaje podrá ir más dirigido a saber “comportarse” (participar, proponer, etc.) ante un foro colectivo, aunque sea algo ya previamente organizado, así como a asumir lo que en él se ha dicho. El corro de infantil en que se reparten responsabilidades es un buen ejemplo.

Un estadio superior, a repartir entre Primaria y Secundaria

obligatoria (aunque sería bueno aquilatar los fines a alcanzar en Primaria) es aquel en que el colectivo de alumnado va asumiendo la responsabilidad y organización de la asamblea, aunque los temas y los momentos de convocarla, aun se les escape o se haga de una forma “instituida” (por ejemplo cuando es periódica).

Habría varias etapas en esta fase. Una sería, por ejemplo, la de que el alumnado asuma organizar la asamblea dentro de un formato preestablecido en el se desenvuelva con suficiente autonomía: saber cómo se recogerá información, como se presentará, etc.

En las últimas etapas o niveles sería deseable que el alumnado fuera estableciendo sus propios formatos: tiempos, intervenciones, preparación, organización entre asambleas, reparto de responsabilidades, temas... Al final habría que llegar a que el colectivo asumiera la asamblea organizada como un instrumento a poner en marcha sin ninguna intervención exterior.

LA ASAMBLEA EN UNA CLASE DE EDUCACIÓN INFANTIL

“La democracia de mañana se prepara con la democracia en la escuela.

Un régimen autoritario en la escuela no sería capaz de formar ciudadanos demócratas”

C. Freinet (invariante número 27)

Esta experiencia es un trabajo conjunto con la profesora de aula llevada a cabo durante el curso 2006/2007 en el C.P. Montealegre de la Eliana (Valencia) en el aula de tres años. En este trabajo pretendemos analizar:

- ¿Cómo en la gestión diaria de este aula se manifiestan /se hacen evidentes las características de la enseñanza democrática?

En el análisis de varias sesiones hemos seguido el itinerario de ese *grupo de alumnos y de esa maestra*:

¿Cómo se organiza el aula? ¿Por qué lo hacen así?

¿Cómo planifican las tareas de aprendizaje?

¿Por que trabajan por Proyectos?. ¿Cómo surgen.....?

¿Cómo se llega a acuerdos? Relaciones entre la maestra y el alumnado.

¿Cómo el ambiente y las interacciones facilitan la construcción del conocimiento en esa realidad educativa?

En este contexto, aula de 3 años, la Asamblea es el eje de la vida cooperativa en cuanto que sirve para organizar el aula, facilita la gestión de los conflictos y permite el intercambio de ideas (cooperación).

En la Asamblea se refuerzan los vínculos sociales; se comunican los avances que se van logrando y las conclusiones de los trabajos realizados; se planifican los proyectos futuros; se felicita, se tratan las Normas de Convivencia....

Desde la asamblea se gestiona la organización del aula: rutinas diarias; rincones y talleres; proyectos; solución de conflictos, etc.

LA ASAMBLEA nos lleva a discutir qué queremos trabajar y que no; a flexibilizar el horario; como docentes nos cuestionamos la manera de entender el aprendizaje y las relaciones en el aula.

Dadas las características de la enseñanza en educación infantil hemos de resaltar también que la actividad de

aprender se realiza en situaciones y contextos donde los saberes están relacionados (globalización) y es en esta relación donde podemos organizar las tareas escolares facilitando así la construcción de conocimientos.

“Las tareas, formalmente estructuradas como actividades de enseñanza y aprendizaje dentro de los ambientes escolares, (...) pueden ser un buen recurso de análisis, en la medida en que constituyen un modelo metodológico que pretende unas metas y que se guía por ciertas finalidades” (Gimeno, 1988: 248).

Asumimos los planteamientos de Freinet: los valores no se enseñan. Se viven y se muestran.

Asimismo, constatamos en el análisis de nuestra práctica docente que:

- Los más pequeños no tienen límites ante el saber. Pero hay también intervenciones que propician la escucha y el diálogo.
- Necesitamos escucharlos para saber qué saben, qué piensan, y qué sienten. Conocer la riqueza y la diversidad de sus ideas nos produce tal impacto, que acostumbramos a reaccionar, dejándonos sorprender sin apenas intervenir.
- En los Proyectos de Trabajo (P.T.) es donde más claramente podemos ver cómo las Preguntas se convierten en el motor de los aprendizajes.
- Es necesario aprender a plantear las Preguntas. El niño aprende con los modelos que le proporciona el maestro/a.
- Los P.T. son una forma de aprender, un camino para acercarse a la resolución de un problema,

y no una retahíla de preguntas más o menos inconexas alrededor de un tema.

- Si globalizar ya no es añadir, sino establecer relaciones, ¿Cómo potenciar que esto ocurra?
- Nos planteamos la necesidad de que el Proyecto se organice a partir de problemas y no en torno a temas.

En este contexto las *preguntas* generan y son generadas por diversos motivos:

a) El deseo de saber cosas nuevas: ¿nos basta lo que sabemos?

b) La reflexión sobre el propio saber ¿Qué sabemos?
¿Donde lo hemos aprendido?

El saber individual proviene de las experiencias, y las preguntas se formulan a partir de los propios conocimientos.

c) La búsqueda de nuevos conocimientos
¿Qué debo hacer para averiguar lo que quiero saber?
¿Quién me puede ayudar?
¿Cómo planificar y organizar esta búsqueda?

d) La reflexión sobre el propio proceso de aprendizaje
¿Cómo sé que voy aprendiendo?
¿Qué diferencia hay entre lo que sabía y lo que sé?
¿Cómo lo he aprendido?
¿Para que sirve lo que he aprendido?

Algunas reglas a tener en cuenta para llevar a cabo la Asamblea:

- Todas las personas tienen derecho a la palabra.
- Se pide la palabra levantando la mano.

Se escucha a quien habla, sin burlarse.

Cada uno tiene su tiempo.

Quien no respete las reglas se le pide que guarde el orden establecido.

El respeto de las reglas comunes es una exigencia mayor para el enseñante...

La Asamblea nos ayuda a crecer, a decidir conjuntamente las reglas que se deben respetar: se propone, se critica, se discute, se decide y se aplica.

En el análisis de varias sesiones hemos seguido el itinerario de ese *grupo de alumnos y de esa maestra*:
¿Cómo se organiza el aula? ¿Por qué lo hacen así?
¿Cómo planifican las tareas de aprendizaje?

Consideramos el aprendizaje como un proceso complejo mediante el cual el conocimiento se rodea y sitúa. Nos apoyamos en el planteamiento de que aprender a pensar críticamente requiere: dar significado a la información, analizarla, sintetizarla, planificar acciones, resolver problemas, crear nuevos materiales o ideas....., implicarse más en la tarea de aprendizaje, etc.

En todo este proceso tratamos de facilitar procesos de socialización de aprendizajes desde la negociación, el diálogo, la participación...etc. Todo ello con el objetivo de descentralizar el saber y facilitar procesos de comunicación que ayuden a construir la identidad y autonomía personal en el alumnado de educación infantil.

En esta justificación de *la asamblea como eje vertebrador de la organización del aula de educación infantil*, retomamos también la idea de que el conocimiento se construye desde la práctica y teniendo como referente

una teoría que nos permita *aprender a mirar esa práctica*. Y desde las Asambleas de Aula pretendemos construir conocimiento didáctico que en nuestro caso, tiene unos referentes teóricos concretos: *la construcción social del conocimiento; la enseñanza democrática; la escuela como cruce de culturas; la enseñanza sociocultural; el lenguaje como generador de contextos de aprendizaje; la complejidad como característica que define las situaciones de enseñanza; la atención a la diversidad como consecuencia del cruce de culturas que se da en la escuela; sentido y funcionalidad de lo que se aprende (Aprendizajes significativos y relevantes); la relación teoría- práctica; el curriculum como un problema práctico.....*

Todos éstos, son aspectos que guían nuestra práctica docente e investigadora y se fundamentan en cuatro pilares: el dialogo; el humanismo crítico y emancipador; la relación teoría-práctica y el compromiso docente.

Analizando *asambleas de aula*, las situaciones dialógicas se convierten en eje central de la vida del aula, garantizando la posibilidad real de desarrollar en el alumnado competencias comunicativas interculturales y la construcción conjunta del conocimiento (Edwards y Mercer, 1988). Desde esta perspectiva, consideramos que el diálogo es la base para aprender y convivir y para dotar de sentido el trabajo en el aula de educación infantil.

A continuación, a modo de ejemplo, presentamos el desarrollo de la asamblea como inicio y gestación de un Proyecto en el aula de tres años.

INICIO PROYECTO “LAS REVISTAS “ (EL CAPITÁN GARFIO)

1ª sesión:

Se les pidió a cada niño/a que trajeran una revista a clase, pensamos que sería interesante preguntarles a los niños/as de 3 años, que había en las revistas y para que servían y como siempre nos desbordaron con lo que sabían.

En LA ASAMBLEA cada uno de ellos enseñó su revista y le pusimos el nombre de quién la había traído, poco después la maestra en el papel continuo pegado en la pizarra fue anotando lo que los niños iban diciendo

M: ¿Qué hay en las revistas?

A: Fotos de bebés, niños mayores.

F y J.A: Yo también.

C: Fotos de mujeres.

E: Hay letras y números.

C: Yo tengo números aquí.

I: Fotos de leopardos, muchas.

A: Indios, yo indios.

F: Tengo un toro.

A.L: Aquí, mira letras.

M: Yo otra chica mayor y un perro.

I: Mira lo de la tele

M: ¿Y las revistas para que sirven?

A: Para leer.

M: ¿Sólo para leer?

E: Para ver.

M: ¿Quién sabe hacer cosas con las hojas de

las revistas?

I: Mi padre sabe hacer aviones.

Todos querían hacer aviones, como yo no sabía les hice gorros, que enseguida dijeron que eran de piratas, los niños querían hacer barcos y aviones y entonces lo que hicimos fue ir a la clase de los mayores para ver si nos podían enseñar a realizar los barcos y aviones.

1º DE PRIMARIA Probaron pero ni los niños ni las maestra sabían.

2º DE PRIMARIA 3 niños consiguieron hacer un avión.

Cuando bajamos a nuestra aula pusimos una nota en el pasillo para que las mamás y papás lo leyeran: "LOS PAPAS Y MAMAS QUE SEPAN HACER BARCOS AVIONES..... CON PAPEL QUE LOS HAGAN Y LOS TRAÉIS A CLASE"

2ª sesión:

¿Y sabéis lo que ocurrió? que los niños invadieron el aula con barcos (grandes, pequeños, medianos, de distintos tipos, algunos casi Titánic como dijo un niño, y también barquitas más humildes), aviones, sombreros, Cada niño/a iba explicando lo que había traído y quién lo había hecho.

Ante la avalancha de tantos barcos y aviones con cara casi de desespero les dije: ¿Y ahora que hacemos? y todos gritaron: ¡A VOLAR! ¡A VOLAR!..... y así

lo hicimos. Nos fuimos al pasillo que es tan grande como un aeropuerto (según Ignacio) y volamos los aviones.

Al día siguiente los niños/ as continuaban aportando más cosas al aula y la transcripción de la asamblea es la siguiente.

ASAMBLEA

MAESTRA: Vamos a ver las cosas que han hecho los papás con las hojas de revista.

M: (dirigiéndome a la niña) ¿Esto qué es?

CELIA: Un barco.

M: ¿De qué papel es?

C: De periódico.

M: ¿Qué hay aquí dentro?(señalando)

C: Números.

M: ¿Y esto?

Mientras tanto un niño en voz muy baja iba diciendo: "anda los perritos dálmatas y están solos".

C: Una pajarita.

M: ¿Cómo es?

C: Grande.

M: ¿Y esta?

C: Pequeñita. M: ¿Qué más?

C: Otra pequeñita.

M: ¿Y esto?

C: Dos barcos pequeñitos.

M: ¿De qué están hechos?

C: Son de papel.

En este momento el niño anterior dice: "Son del Capitán Garfio"

M: ¿Y esto?

C: dálmatas son blancos y negros.

M: ¿Cuántos has traído, ... los contamos?

NIÑOS: 1, 2, 3.

M: Mirar a Santiago que ha traído muchas cosas de papel ¿Qué es?

S: Una luna.

M: ¿Y esto qué es?

S: Un barco.

En este momento los niños dicen "¡El barco del capitán Garfio! y en ese preciso momento llega el conserje.....y mientras hablo con él, uno de los niños comenta EL CAPITÁN GARFIO ES MUY MALO LUCHA CON PITER PAN Y EL COCODRILO. LA AMIGA DE PITER PAN SE LLAMA WENDI.

(Alboroto general, todos los niños comentan pequeñas cosas del cuento de Peter Pan)

La Maestra intenta reconducir la asamblea.....

M: Porque el barco grande era del capitán Garfio y el pequeño ¿de quién era?

N: De Peter Pan.

E: El pequeño que va con la madre del Peter Pan ¿Cómo se llamaba?

N: Uno Miguel, otro Oscar y otro Juan.

(Alboroto) ¡Y pumba..... campanilla se cae!

Intervención de la maestra.

M: Vamos a dejar un poco al capitán Garfio, a sus amigos Wendi, Miguely otro día os contaré el cuento

que es muy bonito.

J. A: El cuento de Peter Pan está en mi casa, lo vamos a buscar porque aquí no está.

M: ¿Qué es esto Francisco?

F: Un camión.

Y la asamblea continuo por el camino que la maestra quería ¿?, pero es obvio que los niños andaban por carreteras secundarias.

Cuando los niños se marcharon a casa, la maestra reflexionó sobre lo acontecido en la asamblea y se dio cuenta que los niños le estaban marcando un camino a seguir, el de ellos. Era necesario aventurarse juntos, no tener miedo a caminar en paralelo con los alumnos y tomó una decisión.....

3ª sesión: por la tarde

Cuando los niños acudieron al colegio por la tarde, había en la puerta de entrada un paquete envuelto en papel de periódico (foto) y en el panel de avisos un gorro hecho con papel de revista y un tubo de cartón.

Yo les iba preguntando que podía ser todo eso.....

Nos sentamos en la alfombra y con mucho cuidado fui abriendo el paquete que contenía la carátula de la película de video "Peter Pan" que lleva dibujado al Capitán Garfio, a Peter Pan y el barco pirata.

Hubo gran sorpresa y alboroto, ..., decían atropelladamente:

¡Ha venido el Capitán Garfio!

Entonces señalando una nota que había en el paquete y con gran precaución fui leyendo lo que había escrito:

“He venido a visitaros del País de Nunca Jamás y quiero jugar con vosotros, he visto que ya tenéis los gorros de piratas y os he traído mi catalejo y un parche.....!Oh! se hace tarde, he de volver a mi País porque me ha parecido oír el tic tac de un reloj y puede ser el cocodrilo me vuelvo volando.....!Adiós! pequeños piratas”

Inmediatamente todos, atropelladamente hablaban del capitán Garfio, una vez tranquilizados les dije que podíamos jugar al Capitán Garfio pero nos faltaba algo, enseguida José Antonio dijo que teníamos los barcos de papel; yo planteé que sería mejor un barco grande para jugar mejor. Así nos fuimos entre un gran jaleo y algarabía a la sala de Psicomotricidad y al almacén a ver que encontrábamos por allí para *hacer el barco del Capitán Garfio*.

SALA DE PSICOMOTRICIDAD

Lo primero que hicieron fue ir a los contenedores donde se guardan los “ladrillos” grandes de las construcciones. Y esto fue lo que sucedió:

- 1.- Sacaron todos los ladrillos.
- 2.- Comienzan a amontonar, apilar, poner uno junto a otro.
- 3.- Hacer torres altas.

Yo les preguntaba ¿así podemos hacer un barco? ¿Podremos meternos dentro?

I: Sí, son las paredes de los barcos. Al rato unos niños se meten dentro del contenedor más grande.

M: ¿Qué hacéis?

E: Aquí.

M: huy, parece que estéis dentro de una bañera....

C: Así como en un barco....

Los niños que están al lado quieren meterse dentro y otros continúan haciendo sus torres.

Van metiéndose dentro del contenedor y Eloy descubre la bandera de los piratas; muy feliz grita ¡Aquí la calavera! ¡Lo del Capitán!

Algunos niños lo siguen por la sala.....

Eloy quiere poner la bandera al lado del barco, intenta junto con Ignacio “falcarlo” con dos ladrillos...pero cae estrepitosamente.

Entonces yo pregunto ¿La bandera donde la queréis poner dentro o fuera del barco?.

Los niños contestan que dentro.

Empiezan a meter las “torres” dentro del barco.

M: ¿Qué hacéis con esas torres?

I: Son las paredes del barco.

M: ¿Para que ponéis las paredes?

I: Para escondernos del Capitán Garfio.

Ponen la bandera entre dos torres, pero se cae también.

Sacan las torres porque no caben más niños.

M: ¿Si pudiésemos sujetar la bandera....?

E: ¡Lo metemos! ¡Lo metemos!.

Ayudan a meter la bandera dentro de la torre. Todos/as miran expectantes! Aplausos!

M: Anda, menudo barco habéis hecho ¿Qué hacemos, lo dejamos aquí o lo llevamos a la clase?

Todos/as: ¡A CLASE!

M: Bueno yo os guío y os abro las puertas, pero cuidado tendréis que arrastrar el barco por todo el pasillo.

Entre todos/as, arrastran, empujan, sujetan la bandera para que no caiga.....Y al final conseguimos con gran alboroto meter el barco dentro de la clase.

Situamos al barco cerca de la alfombra (que era la isla) y ya solo faltaba pintarnos los bigotes del Capitán Garfio, ponernos nuestros gorros y a jugar.

Y al llegar a este punto podía haber dado por finalizado el proyecto, pero....fue imposible, tal y como veis “ Mi proyecto” dejo de existir y pasó a ser “ Su Proyecto “ , el aula se convirtió en “ El País de Nunca Jamás “ el Capitán Garfio se convirtió en un OKUPA del aula de 3 años , y yo en ocasiones me convertía en Peter Pan , me emocionaba con ellos, luchaba con ellos, peleaba con ellos..... y se me hacia duro aterrizar en el mundo adulto y en las matemáticas del cole , al final de este hermoso recorrido he intentado reflexionar , analizar , pensar, sobre todo lo acontecido y creo que he aprendido algunas cosas.....

Y ahora sólo queda poner un bonito final y nada mejor que esas palabras mágicas, que nos devuelven a un mundo de niños y niñas del que mucho me temo, las maestras y maestros nunca debemos escapar.....Y COLORÍN COLORADO ESTE CUENTO SE HA ACABADO.

Y en los días posteriores.....

4ª sesión:

Con todas las cosas que teníamos en el aula y que nos habían traído los papas, mamas, tíos, abuelos, niños de 1º y 2º de Primaria hicimos dos libros:

* En papel A3 escribía el nombre de cada niño/a y ellos pegaban lo que habían traído.

* La portada se hizo con cartulina y el título era “ CON PAPEL HICIMOS...”

* En la contraportada aparecían las fotos de los niños, su nombre escrito por ellos y al lado yo escribía quién le había hecho la figura de papel.

5ª sesión:

Bajaron los niños de 2º de Primaria a ver los dos libros.

En este aula hay escolarizado un niño ciego “ Josep”. Fue muy gratificante observar como tocaba todas las figuras y los niños le decían que era lo que estaba tocando y quién lo había hecho.

Josep nos hizo un Papa Noel y también lo pegamos en el libro.

También nos trajeron las fotos de los niños que nos habían ayudado a hacer aviones y las pusimos con el resto de las fotos.

Al ver el barco, les encantó y los niños intentaban explicar porque lo habían hecho.

Los niños de 2º de Primaria dijeron que ellos también se sabían el cuento de Peter Pan y nos lo fueron contando.

El análisis de Asambleas de aula nos permite entrar de lleno en la comprensión del contexto comunicativo que allí surge. *Compartir el conocimiento*, en el sentido que lo plantean Edwards y Mercer (1988), es una actividad que informa el conjunto de la vida social humana. “Sólo mediante la observación de lo que ocurre realmente en las clases puede descubrirse si las oportunidades

de comunicación y de conocimiento compartido se aprovechan y si se incorporan con éxito en la enseñanza y el aprendizaje. Pensamos que el observar el modo cómo se busca, se consigue, se pierde o incluso se evita la comprensión compartida en la charla cotidiana de maestros y alumnos en clase puede revelarnos más, no sólo sobre la educación en clase, sino también sobre la comunicación de conocimientos en un sentido mucho más amplio” (Edwards y Mercer, 1988: 14).

Respecto *al lenguaje como instrumento que vehicula toda la actividad en el aula*, interesa especialmente analizar cómo se proporciona a los niños instrumentos lingüísticos para desenvolverse en las situaciones de uso social, con diferentes interlocutores, de manera que tengan sentido para los niños y que cumplan las funciones básicas del lenguaje: la representativa, la comunicativa y la estética.

Estas situaciones de comunicación requieren que el maestro parta de los conocimientos que los niños tienen; requieren la creación de situaciones de colaboración en grupo y una adaptación continua de unos miembros a otros, propiciada por la maestra. Desde las asambleas nos interesa analizar cómo se desarrollan las relaciones lingüísticas de los niños con la maestra, para qué hablan, qué tipo de intereses manifiestan, cómo el lenguaje y la acción se unen para manifestar afecto, valoración de la participación del niño, cómo se vehiculan las ayudas y se responde a una manera particular de llevar a cabo la acción didáctica.

De todo lo expuesto anteriormente, se deduce que en el análisis de las asambleas *hay que destacar el papel del lenguaje en la construcción del conocimiento*.

Así el lenguaje se convierte en el instrumento mediador fundamental de la acción humana en tanto que media la relación con los demás y con uno mismo. Tiene una naturaleza social, una función comunicativa y regula la relación que establecemos con las personas y con los objetos.

¿QUÉ HEMOS APRENDIDO?

Que trabajar desde la asamblea trasciende los ámbitos más allá del aula y el centro. Constatamos que los aprendizajes que representa la toma de decisiones colectiva, es algo que tiene relación con numerosos ámbitos de la vida familiar, social, socioafectiva y de las relaciones personales.

Un aprendizaje consciente y secuenciado de la toma de decisiones colectiva ayuda a avanzar en la persona respecto a: su punto de vista social y autocrítico; la autorregulación de normas y formas de comportamiento en lo colectivo: mantener el tono al hablar, respeto de la palabra, margen y autonomía para “romper las normas” o no; autorregulación de valores: valoración de sus propias ideas en contraste con las de las demás personas, derecho a ser oído y a oír,...; madurez en la implicación afectiva y emocional; autonomía en las relaciones; desarrollo de determinadas capacidades y competencias sociales que luego se comentan; resistencia al fracaso, etc.

La asamblea supone un proceso de negociación con implicaciones como: tomar decisiones, de forma personal y compartida; responsabilizarse; saber estar y actuar delante de un colectivo: saber actuar individualmente y en colectivo; diseñar un plan de actuación; analizar

ideas propias y ajenas. Hacer propuestas ajustadas a un fin; negociar: aceptar, argumentar, contraponer, seleccionar, valorar opciones, decantarse por alguna con un criterio establecido... y evaluar y reflexionar sobre un proceso, sobre la forma de actuar, etc.

Del análisis realizado hay que destacar el *valor educativo de las asambleas de aula*.

En muchas ocasiones, los profesores y profesoras se desaniman por las dificultades iniciales que encuentran para llevar a cabo las asambleas. A las alumnas y los alumnos les cuesta asumir unas normas mínimas de funcionamiento democrático; les resulta difícil tratar en profundidad los temas propuestos; tienen escasa habilidad para centrarse en los aspectos fundamentales; no se cumplen los acuerdos establecidos, etc. Hay que tener en cuenta que el proceso de aprender a realizar asambleas de aula es largo y complejo. Cuando en un centro educativo se enseña a las alumnas y los alumnos a participar en asambleas desde los primeros cursos de Educación Infantil, y éstas se realizan de modo sistemático a lo largo de toda la escolaridad, las alumnas y los alumnos automatizan el procedimiento de la misma y adquieren unas habilidades para el diálogo que hacen de las asambleas una actividad muy eficaz para su formación y para regular la convivencia diaria. Por ello es conveniente que las asambleas se programen como una actividad transversal, en la que se debe implicar a todo el profesorado tutor del centro. De todo lo expuesto anteriormente, se deduce que las asambleas, además de constituir una actividad fundamental para regular y mejorar la convivencia en el aula, facilitan la adquisición de valores y actitudes.

Valores como el respeto, el diálogo, la democracia, la justicia, la igualdad, la tolerancia, la cooperación, la ayuda al compañero/a, etc., se trabajan asiduamente en las asambleas de una forma vivenciada, lo cual contribuye a su asimilación.

BIBLIOGRAFÍA

Edwards, D. y Mercer, N. (1988). *El conocimiento compartido*. Barcelona: Paidós.

Freinet, C. (1979). *Las invariantes pedagógicas*. Madrid: Morata.

Gil Cabrera, C. (1996). *La asamblea de clase*. Madrid: escuela española

Gimeno, J. (1988). *El Curriculum: una reflexión sobre la práctica*. Madrid: Morata.

Escuelas Infantiles de Reggio Emilia (2002). *La inteligencia se construye usándola*. Madrid: Morata1